

Luciano de Samósata e o Império Romano: dilemas de um escritor na segunda sofística

EDSON ARANTES JUNIOR¹

Nesta comunicação iremos investigar a relação de Luciano de Samósata com o Império Romano, para isso deslindaremos alguns aspectos da vida deste autor. Posteriormente, debateremos algumas posturas historiográficas referentes à Segunda Sofística, tendo em vista a conceituação deste fenômeno cultural e a relação deste com a atuação sócio-cultural de Luciano. Neste passo discutiremos as teses pertinentes a relação dos intelectuais helenófilos com Roma e sua cultura, principalmente do sírio. Focaremos os vínculos entre Luciano e o Imperador no momento em que ele assume um cargo em Alexandria, na administração da província imperial do Egito.

Luciano de Samósata escreveu um vasto número de textos em grego ático, como era do gosto da intelectualidade helenofona durante o período da segunda sofística. Sabemos muito pouco sobre sua vida. Podemos inferir com certeza somente as informações fornecidas em seu nome. Nasceu em Samósata, uma cidade fortificada, capital do reino de Camogena, situada no norte da Síria a margem direita do Eufrates. A *XVI Legião Flavia* estava estacionada próxima desta cidade, o que denota o contato dos moradores desta região com o poder romano e com soldados de outras regiões.

O sírio apresenta um nome latinizado, o que provavelmente ajudava em sua inserção sócio política. As outras informações que temos estão dispersas em seus escritos. Jacques Schwartz (1965) estabeleceu em sua *Biographie de Lucien de Samosate* a mais coerente datação para as obras de Luciano. Mesmo com o intenso trabalho de análise intertextual, tais colocações são balizadas por premissas hipotéticas e abstratas.

Entretanto, temos referências concretas a alguns eventos. J. Schwartz (1958), que assevera que a estada de Luciano em Atenas deve datar de, aproximadamente, 157

¹ Professor de História Antiga e Medieval da Universidade Estadual de Goiás. Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás. Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás. Esta comunicação é parte da pesquisa, intitulada *Entre o riso e a contemplação: aspectos do regime de memória romano entre pagãos e cristãos*.

quando estaria com cerca de quarenta anos de idade. Teria feito uma longa viagem, entre 162 e 164, ao Oriente. Provavelmente, o momento em que escreve o texto *Como se deve escrever a História*, no qual debate as narrativas que contam a História da guerra dos romanos contra os partos. E permaneceu, outrossim, algum tempo em Antioquia e visitou Abonotico e Samósata. Em sua visita à cidade natal, pronuncia o discurso *O sonho ou sobre a vida de Luciano*. A partir de 165, teria vivido em Alexandria, no Egito, local em que ocupou um cargo na administração local. Em 175, retorna mais uma vez a Atenas. Sua morte deve ter ocorrido após 181.

Ao interrogar o *corpus luciânico* sobre a vida desse escritor não podemos esquecer que Luciano não era comprometido com a factualidade dos eventos, observe-se que isso não o torna alguém que escreve desvinculado de sua realidade, como Jacques Bompaire sugere (2000). Segundo tese defendida por esse autor, Luciano escreveria imerso em sua biblioteca, em seus livros e a realidade externa não seria um elemento relevante em sua escrita.

Luciano escolhe contar “*mentiras variadas de maneira convincente e verossímil*” (LUCIANO. V. H. I.²) as informações biográficas ficam em uma zona opaca, entre as condições materiais de existência, os eventos vividos pelo autor e a representação que esta faz de si mesmo. Que os escreve a partir de critérios de ficcionalidade, que valorizam as relações entre forma e o conteúdo apresentado. Neste sentido, nossas questões não estão voltadas simplesmente a determinação de lugares e datas na curta duração, mas a compreensão de elementos conjunturais (o papel deste escritor e o diálogo de seus discursos com seu tempo) e estruturais (a identidade helênica no seio do Império Romano). A vida de Luciano só nos interessa se ela puder iluminar esses elementos, assim que tentamos sublinhar os valores por ele apresentados.

Mesmo com essas ressalvas necessárias é importante sublinhar que a imagem presente em seus escritos permite analisar alguns valores que ele queria enfatizar, como também temos acesso a alguns indícios sobre o lugar que ocupava na sociedade. As informações contidas em sua obra são completadas com um pequeno verbete da Suda³. Que afirma que Luciano teria nascido durante o governo de Trajano (98-117), logo ele

² Optamos por citar o texto luciânico pelos títulos abreviados de sua versão latina. Neste caso usamos a tradução *Das narrativas verdadeiras*, de Lucia Sano (2008).

³ Enciclopédia bizantina do século X, trata-se de uma compilação de dados dispostos alfabeticamente. Neste verbete Luciano teria morrido esfaqueado por cães no deserto por ser um ateu.

teria nascido antes de 117 (SUDA. Λ, 683). Os estudiosos têm aproximado a data entre 115-120⁴.

Outro fato relevante é que sua língua materna não era o grego, como afirma no opúsculo *Dupla acusação*, falava uma língua bárbara, provavelmente o aramaico. Neste diálogo a Retórica personificada fala do sírio nos seguintes termos “*encontrei este indivíduo quando era um garoto, ainda de fala estrangeira*” βάρβαρον ἔτι τὴν φωνὴν (Luciano. Bis acc. 27). A mesma personagem ainda fornece alguns dados biográficos, pois afirma que ele se vestia de maneira síria como um Caften. Ainda neste trecho a ela afirma que nesta época ele estava “*dando voltas pela Jônia, eu [a Retórica] o tomei ao meu lado, neste momento ele não sabia a que iria dedicar-se, e o eduquei*” (LUCIANO. Bis acc. 27).

O no processo formativo deste autor devemos ressaltar as inúmeras viagens que ele fez: Jônia (Bis acc. 27), Macedônia (Scyth.); Tracia (Fug.); Itália (Bis acc, Fug.; Electr); Galia (Bis acc.; Herc); Antioquia (Im.; Pro im.); Samosata (Somn), Abonoiteicos (Alex.), Egito (Apol.). Como podemos observar Luciano conheceu muitas localidades diversas. Nestas diferentes cidades ele atuou em julgamentos e fez declamações públicas.

O processo de helenização ocorre dentro de uma complexa rede de negociações. Como enfatiza Simom Swain, no livro *Hellenisme and empire* (1996), esse processo dar-se-ia por meio da Paidéia, uma vez que tal identidade perde paulatinamente seu caráter étnico e assume as características de uma identidade franca, cuja adesão é possível. Suas estratégias, ainda segundo este autor estão em uma constante polifonia. Susan Alcock, em uma análise que congrega o debate a cerca da paisagem, memória, espaço sagrado e imperialismo, repensa, não mais a influência grega sobre a cultura romana, mas o caminho inverso a presença de romana nas cidades gregas durante o período imperial. Ela ressalta as permanências de memórias gregas durante a dominação romana.

Alcock critica os autores que apresentam o caráter estável das atividades mnemônicas ressaltando a memória é múltipla, dinâmica e tem um grande poder de persuasão. O que nos interessa em sua conceituação é justamente o vínculo profundo

⁴ J. Schwartz propõe a data de 119 ou um pouco mais tarde (1965: 14)

entre memória e poder. Ela também ressalta a existência de várias memórias, que muitas vezes são conflitantes. A memória social é um espaço privilegiado para que os diferentes agentes históricos contestem o que está estabelecido (ALCOOCK, 2001: 324).

O uso de uma variante do grego que imita os padrões culturais da cultura anterior, o que indica traços estratégicas de afirmação social. Orestes Karavás em um sua tese de doutoramento intitulada *Lucien et la tragédie* defende que a obra de Luciano é tributária de um passado helênico e para demonstrar essa prerrogativa ele faz uma inquirição detalhada sobre a presença da tragédia nestes textos. O que é importante para que observemos algo que Swain ressalta sobre o uso do aticismo. Tal prática apresenta-se em uma polifonia, que não precisa ser coerente. A cultura colonizada não necessita de coerência, nem tem a obrigação de ser homogênea, nem responde a presença de outra cultura da mesma forma tanto no tempo quanto no espaço⁵.

Diretamente vinculado a sua trajetória, não podemos nos esquecer das inúmeras viagens de Luciano. Cada vez que o sírio ia a uma localidade diferente ele reconstruía sua imagem do mundo. Como afirma François Hartog em seu livro *Memória de Ulisses, “a Grécia está em toda parte”* (HARTOG, 2004:225), ou seja, um viajante grego acaba ensinando mais que aprendendo ao viajar, pois reencontra sua cultura por onde ande.

Essa identidade viajante é um elemento muito interessante que precisa ser ressaltado. Gostaríamos de lembrar que Luciano coloca-se em uma encruzilhada cultural, que serve como pequeno microcosmo de interpretação do estar e ser no Império Romano. Andrew Wallace-Handrill em seu recente livro *Rome’s cultural revolution* (2008), busca nos versos do poeta latino Enio uma imagem que retrata bem o lugar em que Luciano se insere. Trata-se da imagem do *tria corda*, ou seja, dos três corações. Esse poeta afirmava ter três corações um latino, um grego e um osco. Há um processo de triangulação da identidade Observemos que a angústia pós-moderna ou pós-colonial do não lugar⁶ não existe aqui. Trata-se pelo contrário, de uma forma de se encontrar no mundo que mescla as diferentes formas de experiência. O indivíduo não

⁵ Richard Hingley (2010:35) afirma que “*não há uma cultura colonial única e coerente*”.

⁶ Edward Said em seu livro autobiográfico *Fora do lugar* (2004) faz uma descrição bem acentuada do que seria a angústia acima citada. Trata-se do indivíduo “*vira latas*”, que não se sente em casa nos EUA, nem no Egito.

precisa abandonar uma identidade, ele acumula diferentes sentimentos de pertencimento.

Neste ponto a conceituação fica um tanto difícil. Os historiadores tentam buscar respostas nos distintos ramos do conhecimento, por exemplo, falou-se em um processo de hibridização. Tal termo tem origem na biologia que classifica como híbrido o animal que é filho de duas espécies distintas. O problema é que o animal que nasce é infértil. Logo, a transposição deste conceito a dinâmica do (des)encontro cultural é preconceituosa já que o contato cultural gera uma experiência distinta, que não pode ser hierarquizada. Janet Huskinson (2000) enfatiza que há muitas vezes um processo de sobreposição de signos, de valores e isso pode ser constatado nos monumentos erigidos por importantes membros das elites provinciais. Gostaríamos de destacar a importância de usarmos um vocabulário mais preciso, por isso propomos o termo tradução que tem sua origem nas ciências da linguagem. Tal conceito, coaduna com o conceito de cultura semiótico proposto por Cliford Gertz e permite que fiquemos atento aos processos de negociação. Richard Hingley afirma que:

... o papel ativo da sociedade nativa em determinar a função, o valor e o papel de suas próprias posses. Indivíduos, no interior de uma sociedade, negociam e resistem a certas representações de inferioridade/superioridade, e erigem contra argumentos. Assim dentro de um conjunto limitado de idéias e de experiências, eles definem parcialmente seus próprios conceitos de superioridade, ao mesmo tempo em que se relacionam com itens tais que como a forma e a função de um determinado pote, ou a imagem de um tipo particular de construção (HINGLEY, 2010:37-38).

Neste sentido devemos retomar a imagem dos três corações de Wallace-Handrill e questionar em que medida tal imagem expressa o lugar de Luciano de Samósata. Em primeiro lugar são diversos os momentos em que este escritor se nomeia como o sírio. Como ressaltamos anteriormente o autor dos *Diálogos das cortesãs* foi educado de acordo com os parâmetros da Paidéia helênica, ou ainda sua escrita refletia um purismo estético vinculado diretamente aos autores áticos do V século a.C.. Outro traço que é marcante em seus textos.

Essa questão deve ser colocada em uma letra maior. Luciano deve ser pensado em meio a presença dos sofistas helenófilos no Império Romano. Logo acreditamos que esse debate deve ser complementado por uma indagação sobre a Segunda Sofística.

Trata-se de um fenômeno de releitura da retórica antiga, elaborada por sofistas helenófilos. Em termos estilísticos, os textos produzidos neste momento se caracterizam pela imitação do grego do V a.C, o chamado pelos historiadores da literatura de aticismo (LESKY, 1995). Como afirma Readon o grego usado diferencia-se da *koiné*, na busca do grego de Ésquines (READON, 1988: 80ss). Trata-se de um fenômeno de formação cultural, baseado no uso de uma língua artificial, que tinha por temática a referência ao passado helênico. Tais sofistas atuavam muitas vezes em suas cidades como embaixadores que faziam a ponte com o governador da província ou com o próprio Imperador (BOWERSOCK, 1969:17-58). Neste momento predomina o discurso do gênero ecomiástico.

Como nos alerta Laurent Pernot, o gênero ecomiástico não está simplesmente vinculado ao prazer do ouvinte, sem considerar o mundo que o cerca. Tal preconceito impediria uma análise mais consistente do lugar que o encômio assumiu entre os romanos no período imperial. Essa simplificação fica patente quando analisamos os discursos dos autores, não vamos aprofundar nesse assunto, mas por exemplo, Paul Veyne (2009), ao analisar a atitude dos gregos diante da dominação romana afirma que: “*Era possível, ao mesmo tempo, desprezar Roma, orgulhar-se de ser grego e apoiar a ordem imperial. Ser xenófobo, helênico patriota e ‘colaborador’.* De fato, essa era a posição majoritária” (VEYNE, 2009: 80). Tal colocação deve ser retomada e pensada nos escritos luciânicos.

Esta nova sofística é um “*fenômeno literário e social, que ocorreu no Alto Império, nas províncias helenofonas, consistiu-se na multiplicação dos sofistas, como professores de retórica, conferencistas e homens públicos*” (PERNOT, 2006: 31). Como enfatizou G. Anderson em seu livro *The second Sophistic. A cultural Phenomenon in the Roman Empire* (1993) este acontecimento não é apenas literário, mas cultural. Sua ênfase recai sobre a continua re-apropriação, por meio da retórica, do passado helênico, o que geraria fortes laços identitários entre os intelectuais. Francesca Mestre ressalta que a literatura deste período se caracteriza “*por dois aspectos fundamentais: de um lado, o uso da prosa como veículo de exclusivo de comunicação e criação, e por outro, a impregnação da retórica em todas as suas manifestações, em perfeita consonância com Paidéia ...*” (MESTRE, 2000: p. 61).

Para Simon Goldhill (2001:14-15) um ponto de difícil entendimento é a periodização deste movimento, uma vez que o mesmo, dependendo dos elementos destacados, pode ser recuado até a obra de Políbio. Claro que há uma preferência em marcar tal fenômeno como característico do Alto Império, com auge no período dos antoninos.

Vito A. Sirago coloca o movimento como uma expressão cultural das elites imperiais. Este autor enfatiza os problemas para a compreensão deste fenômeno a dificuldade na demarcação do seu alcance, tanto espacial quanto temporal destes intelectuais. Em primeiro lugar Sirago questiona a generalização filostratiana, como um empecilho para a compreensão da sua diversidade. Como a Segunda Sofística apresenta posturas muito distintas, nos aspectos estilísticos, os pesquisadores apresentam dificuldade em sua caracterização. Como um fenômeno cultural, sua ação se dá por meio da apropriação contínua de práticas culturais tradicionais, tal ação tem a função de convergir as elites, por isso a ênfase em apresentar esse evento como expressão cultural da aristocracia imperial (SIRAGO, 1989: 36-37).

Tal reflexão se aproxima de E. L. Bowie (1981) que analisa a maneira com a qual essa elite cultural ganhou sustentação a partir da busca de uma identidade, cujo principal signo era o uso do passado grego. A declamação pública ganha destaque e, na segunda metade do primeiro século, chegou a um lugar de proeminência entre as atividades culturais. Como afirma Bowie: *“adquiriu uma popularidade sem precedente e quase incompreensível”* (BOWIE, 1981: 188). Estes oradores multiplicam-se e suas obras apresentam um traço importante o uso constante do passado grego como elemento central, ou como, suporte para outras mensagens. Os textos versam sobre a batalha de Maratona, atenienses, espartanos, os sistemas políticos que os dirigem ou, ainda, a personalidade de Péricles. Os temas do presente ficam camuflados nesses textos (MESTRE, 2000).

Susan Alcock considera que a ausência de poder e glória fazem com que esses intelectuais retomem o passado, em um movimento nostálgico. Os escritos da segunda sofística documentam a decepção pelo passado dominado e representa a região com características de resistência. Claro que a dominação é mascarada pela ascensão das famílias bem nascidas na administração do Império. Logo, para essa autora a busca do passado grego é um canal ativo de comunicação com o presente, permite por meio de

elementos culturais atingirem o poder e promover a legitimidade dos governantes. Finalmente a autora ressalta que essa literatura é somente um epifenômeno de um processo muito mais complexo, cujas reações de resistências e os processos de negociação ocorrem das mais distintas formas (ALCOOCK, 2001:329-331).

Segundo Lukas de Blois podemos dividir os escritores gregos, vinculados a Segunda Sofística, em dois grupos: o primeiro inserido no sistema imperial, seria o caso de Dion Cássio, Herodiano e Filóstrato, entre outros; o segundo os demais autores, cujo escopo temático voltar-se-ia com mais frequência a problemas locais relativos às suas respectivas cidades, seria o caso de Dion de Prussa, Élio Aristides e Luciano, entre outros (DE BLOIS, 1998: 3441). Essa dicotomia mostra-se falha quando operacionalizamos na análise dos autores, por exemplo, Luciano teve um cargo no Egito; Élio Aristides encontra-se com Antonino Pio e Marco Aurélio para levar até eles demandas da cidade de Pergamo.

O que coloca uma questão muito importante para a compreensão do Império Romano e a relação que este estabelecia com os povos conquistados. A figura do sofista é fundamental, já que as cidades precisavam desses especialistas da palavra para encaminhar demandas ao poder imperial.

Outro ponto importante na atuação destes intelectuais no caso a identidade grega no segundo e terceiro século da era cristã. Como um povo que tem um passado e um complexo cultural pode conviver com o domínio político e a perda da autonomia política. Esse passado foi mobilizado, no nosso ponto de vista, como forma de resistir ao domínio imperial.

Gostaríamos de ressaltar alguns aspectos interessantes sobre esses os vínculos sócios culturais destes autores no Império Romano. Sempre conhecemos esses autores com o nome de sua cidade de origem ao lado, mas notamos que era uma prática comum a obtenção da cidadania de outras cidades. O caso de Dion de Prussa é emblemático. Uma vez que ele obtém a cidadania de Apaea-Mirlea (vizinha de Prussa) e Nicomédia. Outro ponto importante é a mobilidade desses homens, tanto viagens particulares (por exemplo, Élio Aristides) ou vinculadas às embaixadas das cidades aos Imperadores (SARTRE, 1994: 132-133).

Outro ponto importante da relação dos sofistas com o Império é a recusa constante em assumir cargos e obrigações religiosas. Tais “honrarias” eram muito

custosas. Por exemplo, o avô e o pai de Dion de Prusa faliram ao assumir cargos administrativos ou religiosos. De fato muitas pessoas tentavam escapar das magistraturas e das liturgias. Gostaria de citar o caso de Élio Aristides, que recusou ser o grande sacerdote em Esmirna (147), cobrador de impostos (151) e a *irenarca* (aquele que zela por Irene, a paz) (152). O argumento que usou era a falta de saúde e de recursos (CORTES COPETE, 1995). Esses dados são fundamentais para pensarmos a complexidade da relação destes intelectuais com o Império ou mesmo com os poderes locais.

Antes de concluirmos esse trabalho gostaríamos de retornar a Luciano de Samósata. Neste quadro que nos traçamos poderíamos refletir o lugar de Luciano de Samosata no Império Romano. Devemos concordar com a premissa defendida por Paul Veyne, de intelectuais que não gostam do Império, se sentem gregos mais corroboram a ordem e mantêm lealdade ao imperador. Inicialmente acreditamos que essa pode ser uma hipótese para balizar nossa análise da relação de Luciano com o Império.

Temos basicamente duas teses levantadas entre os críticos de Luciano, Maurice Croizet (1882) ressalta as qualidades estilísticas de Luciano, o que o autor teria de inovador seria justamente suas qualidades estéticas, no entanto o conteúdo de sua obra estava completamente alheio ao mundo que o cerca. Essa postura também defendida por Bompaire, em seu clássico livro *Lucien Écrivain: imitation et création* (2000), neste livro originariamente publicado em 1958, o autor segue uma sugestão de Croizet e trata a questão luciânica a partir da desvalorização da oposição entre criação e imitação como processos antagônicos. O objetivo de Bompaire é muito ousado. Ele pretendia “*ver, se possível, o escritor em trabalho captar a maneira como se elabora a obra em seu espírito*” (BOMPAIRE, 2000: 5). O lucianista tentou compreender o conceito de mimeses a partir dos significados dados pelos autores antigos, tomando a imitação como atividade ativa para a criação retórica.

Apesar dos avanços que essa perspectiva fornece, uma vez que valoriza os mecanismos de criação literária e as estratégias de leitura usadas pelo autor, prende o interprete em uma análise dos textos luciânicos muito subserviente a biblioteca deste (BRANDÃO, 2001:19). Dito de outra forma, os textos do sírio não se vinculariam ao seu tempo, mas seriam fruto de um intelectual preso ao passado. Sua obra seria

devedora de sua biblioteca. Como colocou Cruizet não se importava com a realidade sócio-política de seu tempo.

Por outro lado, temos uma postura historiográfica que vê em Luciano um crítico ao Império Romano. Essa vertente historiográfica foi apontada inicialmente por Peretti (1946), em seu livro *Luciano, um intellettuale greco contro Roma*, que a partir da análise, principalmente do diálogo *Nigrino*, apresenta alguns pontos interessantes sobre a questão luciânica. Para este autor *Nigrino* é um texto explicitamente contrário a ordem imperial. Dessa forma Peretti se coloca contra a tendência geral que vê em Luciano um intelectual desligado das questões atuais e submisso ao poder do Império.

Entre estas posturas encontra-se C. P. Jones que em seu livro *Culture and Society in Lucian* (1986: 83-87) afirma que Luciano teria sido perseguido pelo Imperador Adriano por suas causticas críticas ao Império Romano e só foi reabilitado por Cômodo que o teria designado a um importante cargo na província do Egito⁷. Esse autor descarta a existência de qualquer interesse político em Luciano. Ele limita-se em colocar os vínculos entre Luciano e seu tempo, juntamente com algumas figuras menores e problemas pontuais. No entanto não aceita a imagem proposta por Bompaire de “*um artista absorvido em si mesmo*” (JONES, 1986: 4-5) que não se preocuparia com sua atualidade.

Nós entendemos que podemos mapear na obra de Luciano elementos que marcam essa intrincada identidade. Luciano ressalta em toda a sua obra seu lugar de alteridade. Como salienta Jacyntho Lins Brandão (1990: 139) o eixo organizador do *corpus Lucianeum* seria a presença da alteridade. Ela se encontra de diferentes maneiras: por meio dos personagens marginalizados (prostitutas, eunucos, escravos, pobres); marginalizados por opção (filósofos cínicos); o diferente em relação ao grego (o estrangeiro e bárbaro, sendo que os romanos são a antítese do que conforma a Paidéia grega); em relação aos vivos (mortos); o que escapa a esfera da terra (habitantes da lua, das estrelas, do sol e os deuses); entre os deuses ele coloca os deuses bárbaros que são

⁷ O Egito era uma província pessoal do Imperador Romano, com todos os tributos indo para a *res privata* imperial ao invés do *Aerarium Saturni*. Era fundamental, pois, que o cargo de Prefeito do Egito fosse de alguém próximo ao Imperador, como todos os funcionários que o auxiliavam na tributação. Provavelmente, Luciano ocupou um cargo muito próximo ao Prefeito do Egito, almejando inclusive tal cargo. Eis um indício importante que mostra a proximidade do sírio com a corte imperial, senão com o próprio Imperador.

um contraponto deste (BRANDÃO, 1990: 140-141). Luciano ainda enfatiza os lugares da alteridade, por exemplo o Hades, confins da terra, lugares estrangeiros.

Uma anedota presente no opúsculo *Hermotimo* pode nos ajudar a enfrentar o problema da alteridade para Luciano:

Conta-se que Gelão de Siracusa tinha boca malcheirosa — e tal fato foi escondido dele durante muito tempo, pois ninguém ousava advertir um tirano, até uma mulher estrangeira, tendo dormido com ele ousar dizer o que se passava. Ele, voltando para junto da sua própria mulher, encolerizou-se por ela não tê-lo advertido, sendo conhecedora, mais do que ninguém, do mau cheiro. Ela suplicou-lhe que a perdoasse pois, não tendo nunca dormido com outro homem, nem falado de perto, acreditava que todos os homens exalavam da boca o mesmo hálito (Luciano. *Hermot.* 34)

Essa estória é muito interessante, uma vez que a mulher do tirano erra por ignorância, os demais súditos por medo. Somente uma personagem que move na completa alteridade (mulher, prostituta e estrangeira) lhe revela a verdade (Brandão: 1990: 142).

É ainda Brandão que ressalta que nos textos em que Luciano defende sua poética ele faz alusão ao incomodo papel de estrangeiro “*A questão da alteridade em Luciano passa pelo estatuto pouco definido do aculturado que, deixando de lado o que lhe é próprio, adota uma outra cultura mas não se sente nunca totalmente adotado por ela*” (BRANDÃO: 1990: 144). No texto *O pescador ou os ressuscitados* Luciano afirma a filosofia:

Eu sou sírio, nascido as margens do Eufrates. Mas que importa? (...) o caráter e a ciência não dependem absolutamente do fato de se ter nascido em Soles, em Chipre, na Babilônia ou em Estagira e não se vale menos a teus olhos por se ser bárbaro de língua, desde que tenha espírito reto e justo (LUCIANO: *Pisc.* 18)

Se em um plano ideal a identidade grega é franca e aberta, sendo o resultado da formação helênica (GOLDHILL, 2001; SWAIN, 2003; GUARINELLO, 2009). Passível de adesão, em seu *Elogio a pátria* Luciano afirma que “*é ultrajante viver no estrangeiro*” (LUCIANO. *Patr. Enc.* 8). Em dois textos Luciano ressalta o lugar do estrangeiro para o acesso a verdade⁸: *Hermotimo* e *Como se deve escrever a História*.

⁸ Em um artigo que está no prelo, intitulado “*Não se leva uma coruja a Atenas*”: a representação das

No opúsculo *Hermotimo ou sobre as seitas* o autor discute os caminhos para se encontrar a cidade ideal. Cidade é a metáfora para a vida. Qual escola filosófica poderia levar o indivíduo a uma vida boa? Observemos que nesta cidade se chega, não há indivíduos autóctones. Luciano afirma que nesta “*todos eram adventícios, estrangeiros, não havendo um autóctone sequer; pelo contrário eram todos bárbaros, escravos, aleijados, pessoas humildes e pobres; numa palavra, qualquer um podia fazer parte daquela cidade*” (LUCIANO, Herm, 24).

A verdade não é natural, mas adquirida. Observemos que no texto coloca-se em causa somente os sistemas helênicos de formação. Outro momento em que o caráter do estrangeiro é ressaltado é no panfleto *Como se deve escrever a História* onde afirma que:

Assim, pois, para mim, deve ser o historiador: sem medo, insubornável, livre e amigo da franqueza e da verdade — como diz o poeta cômico, alguém que chame figos de figos e gamela de gamela; alguém que não admita nem omita nada por ódio ou por amizade; que a ninguém poupe, nem respeite, nem humilhe; que seja juiz equânime, benevolente com todos até o ponto de não dar a um mais do que o devido; estrangeiro nos livros, sem cidade, autônomo, sem rei, não se preocupando com o que achará este ou aquele, mas dizendo o que se passou. (LUCIANO, Hist. Co. 41).

Só é livre aquele que ao escrever não tem pátria, que não tem cidade que cuida da regulamentação da própria vida, ele não tem rei. Aqui temos espaço para não ser corrupto, para ser franco, para ser verdadeiro. Observemos como essas mesmas características aparecem na caracterização que Luciano faz de Diógenes no livro *O leilão dos filósofos*:

Comprador — Primeiro, ó belo, de onde és?

Diógenes⁹ — De todo lugar.

Comprador — Como dizes?

Diógenes — Vês um cidadão do mundo.

Comprador — E imitas alguém?

Diógenes — Hércules.

Comprador — E por que não levas tu também a pele de leão? Pois no bastão estás parecido com ele.

cidades em Luciano de Samósata, o autor e a professora Ana Teresa Marques Gonçalves analisam o lugar que o estrangeiro ocupa na cidade ideal.

9 Brandão ressalta que não podemos esquecer que os nomes presentes em *Leilão dos filósofos* devem-se aos escoliastas e aos copistas e que nenhum nome próprio é citado, o que dificulta a identificação (2001: 310).

Diógenes — Esta é minha pele de leão, este meu manto e luto como ele [Héacles] contra os prazeres – sem que ninguém me obrigue, mas por vontade própria, propondo-me uma vida limpa de imundícies (LUCIANO, *Vit. Auct.* 8).

A liberdade do filósofo cínico é dada justamente pelo fato de não ter cidade. Justamente por ser um cidadão do mundo que o filósofo pode ensinar a liberdade. Luciano leva ao extremo o estatuto do estrangeiro em sua obra. Já que ele mesmo é um estrangeiro em seus livros. Até aqui ressaltamos os vínculos ambíguos de Luciano com a cultura helênica. Para concluir nossa análise queremos retomar as características da presença da intelectualidade grega no interior no Império tendo em vista os três pontos colocados por Veyne: ser patriota, xenófobo a romanidade e colaborador da ordem imperial. Temos um lugar ambíguo.

Queremos finalizar essa comunicação com o texto *Em defesa dos que recebem salário*. Este opúsculo foi escrito em defesa das críticas de hipocrisia que Luciano recebeu ao assumir um cargo na administração da província imperial do Egito. Uma vez que ele havia escrito um texto *Sobre os que recebem salário* que criticava os gregos que aceitavam trabalhar nas casas dos romanos para receber um ordenado. Luciano foi acusado de uma contradição performática, ou seja, dizer uma coisa e fazer outra.

Observemos os argumentos usados por Luciano para defender-se:

(...) existe muita diferença entre um que se coloca a servir por um salário em uma casa de um rico, e resiste tudo que eu afirmei em meu livro, e trabalhar no serviço do Estado, administrando bens públicos segundo sua capacidade e receber por isso um salário do Imperador. (...) os funcionários públicos que oferecem seus serviços as cidades e povos inteiros, não podiam ser caluniados somente por que cobram, nem pode lhes implicar uma acusação comum e indiscriminada (...). E o soldo não procede de um particular, sim do Imperador; tampouco é pequeno, trata-se de muitos talentos. As esperanças futuras não são pequenas, se acontecer o normal, talvez a supervisão da província ou outro serviço imperial. (LUCIANO. *Apol.* 11-12)

A lealdade não é dada a uma comunidade imaginada, como seria nos estados modernos. Trata-se de um vínculo pessoal com o Imperador. Ressaltemos que a presença de Luciano no Egito denota um lugar social bem definido na hierarquizada

sociedade romana, uma vez que somente pode ocupar cargos nesta província indivíduos pertencentes a ordem eqüestre.

Neste sentido gostaríamos de concluir este trabalho retomando as idéias que marcaram a confecção desta comunicação que buscou entender o lugar de Luciano de Samósata, em consonância com a Segunda Sofística no Império Romano. As especificidades da obra luciânica sugerem que as hipóteses de Wallace-Handril dos três corações deve ser suavizada e que os aspectos ambíguos indicados por Paul Veyne merecem ser investigados em um panorama mais complexo. Entretanto temos claro que um polígrafo como Luciano estava profundamente atingido por sua realidade, o desafio ao pesquisador é encontrar as pistas sutis que ele deixou.

1) Bibliografia

a) Documentos Textuais:

FILÓSTRATO. *Vida de los sofistas*. Traducción de Maria Concepción Giner Soria. Madrid: Gredos, 1982.

LUCIANO. *Obras I*. Traducción por Andrés Espinosa Alarcón. Madrid: Gredos, 1996.

_____. *Obras II*. Traducción por José Luís Navarro Gonzáles. Madrid: Gredos, 1998.

_____. *Obras III*. Traducción por Juan Zaragoza Botella. Madrid: Gredos, 1990.

_____. *Obras IV* Traducción por José Luís Navarro Gonzáles. Madrid: Gredos, 1992.

_____. *Das narrativas verdadeiras*. Tradução, notas e estudos Lucia Sano. São Paulo: USP, 2008. (Dissertação de Mestrado).

SUDA ON LINE: BYZANTINE LEXICOGRAPHY. Disponível em: <http://www.stoa.org/sol/> Data de acesso 22/08/2010. (verbete Λουκιανός; lambda,683)

b) Obras gerais

ALCOOK, Susan E. The reconfiguration of memory in the Roman Empire. In _____ et alii(dir.) *Empires*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 323-350.

ANDERSON, G. *The second Sophistic. A cultural Phenomenon in the Roman Empire*. London/ New York, Routledge, 1993.

BOMPAIRE, Jacques. *Lucien Écrivain: imitation et création*. Paris: Les Belles Lettres, 2000.

_____. Introduction générale. In: LUCIEN. *Œuvres- Tome I*. Texte Établi et Traduit par Jaques Bompaire. Paris: Les Belles Lettres, 1993. p. XI-XLIX.

- BOWERSOCK, Glen Warren. *Greek Sophists in the Roman Empire*. Oxford, Clarendon Press, 1969.
- BOWIE, E. L. Los griegos y su pasado en la segunda sofística. In: FINLEY, M. I. (Dir.). *Estudios sobre Historia antigua*. Madrid: Akal, 1981. p. 185-231.
- BRANDÃO, Jacyntho Lins. *A poética do hipocentauro: literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- _____. Um século de bibliografia luciânica: A História de uma polêmica. *Clássica*. São Paulo, v. 5/6, p. 243-253, 1992/1993.
- _____. Perspectiva de alteridade na obra de Luciano de Samósata. *Clássica*. Belo Horizonte, v. 3, p.111-128, 1990.
- BRAUDEL, Fernand. *História e ciências sociais*. Lisboa: Presença, 1982.
- CASSIN, Barbara. *O efeito sofisticado*. São Paulo: Trinta e Quatro, 2005.
- CATROGA, Fernando. *Os passos do homem como restolho do tempo: memória e fim do fim da História*. Lisboa: Almedina, 2009.
- CORTÉS COPETE, Juan Manuel. *Elio Aristides: un sofista griego en el Imperio Romano*. Madrid: Clásicas, 1995.
- BALANDIER, Goerges. *O poder em cena*. Brasília: UNB, 1982.
- DE BLOIS, L. *Emperor and Empire in the Works of Greek-Speaking Authors*. *Aufstieg Niedergang und Romischen Welt*. Berlin, 2(34), parte 4: 3391-345, 1998.
- DOSSE, François. *História do estruturalismo: o campo do signo (1945/1966)*. Bauru-SP: EDUSC, 2007. v.1.
- FRANCIS, James. Truthful fiction : new question to old answer on Philostratus ‘Life of Apollonius’. *The American journal of philology*. V. 119, n° 3, 1998, pp. 419-441.
- GANGLOFF, Anne. *Dion Chrysostome et les mythes: hellénisme, communication et philosophie politique*. Paris: Jérôme Millon, 2006.
- GEETZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GINZBURG, Carlo. *Relações de força: História, retórica e prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso e fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GOLDHILL, Simon. Setting na agenda: ‘everything is Greece to the wise’. In: _____ (Ed.). *Being greek under Rome: cultural identity, the Second Sophistic and development of Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 1-25,
- GUARINELLO, Norberto Luiz. Império Romano e identidade grega. In: FUNARI, Pedro Paulo A. & SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (orgs.). *Política e identidades no mundo antigo*. São Paulo: Annablume, 2009. p. 147-161.
- GRIMAL, Pierre. *O Império Romano*. Lisboa: Setenta, 1993.
- JONES, C. P. *Culture and society in Lucian*. London: Harvard, 1986.

- HINGLEY, Richard. *O imperialismo romano: novas perspectivas a partir da Bretanha*. São Paulo: Annablume, 2010.
- HUSKINSON, Janet. Looking for culture, identity and power. IN. _____ (Org.) *Experiencing Rome: culture, identity and power in the Roman Empire*. London: The Open University: 2000. p. 3-28.
- KARAVAS, Orestis. *Luciene et la tragédie*. Belin/New Cork: Walter de Gruyter, 2005.
- LESKY, Albin. *História da literatura grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.
- MESTRE, Francesca. Segunda sofística y Luciano de Samosata. In. TOBÍA, A.M. G.(ed.), *Una nueva visión de la cultura antigua en el fin del milenio*, La Plata 2000, 61-75.
- PERNOT, Laurent. *La rhétorique dans l'Antiquité*. Paris: Le Livre de Poche, 2000
- READON, B.P. *Courant littéraires Grecs de IIe et IIIe siècles après J.-C.* Paris : Les belles lettres, 1971.
- SAID, Edward W. *Fora do lugar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SARTRE, Maurice. *El oriente Romano: provincias y sociedades provinciales dès mediterrâneo oriental, de Augusto a los Severos (31 a. C. – 235 d.C.)*. Madrid: Akal, 1994.
- SILVA, Maria Aparecida. Oliveira. *Plutarco e Roma: o mundo grego no Império*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007. (Tese de doutorado)
- SCHWARTZ, J. *Biographie de Lucien de Samosate*. Bruxelles: Latomus, 1965.
- SIRAGO, V. A. La Seconda Sofistica come espresione culturale della classe dirigente del II sec. *Aufstieg Niedergang und Romschen Welt*, v. 33, n.1, p. 36-78, 1989.
- SWAIN, Simon. *Hellenism and Empire: language, classicism, and power in the Greek world, ad 50-250*. New York: Oxford, 2003.
- WALLACE-HANDRILL, Andrew. *Rome's cultural revolution*. Cambridge: University Press, 2008.
- ZANDONÁ, Deise. A Segunda Sofística: intelectuais, historiografia e poder político na era dos Antoninos. *História e-História*. In. <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=116> data de acesso 23 de maio de 2009.